www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 07.12.2014

ESTUDO COMPARATIVO DA PSICOAFETIVIDADE DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E DE IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de Tcc realizada com idosos institucionalizados e idosos não institucionalizados que residem em Salvador- Bahia

2014

Magali de Castro Santos
Graduanda do X Semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado. Analista de RH na empresa BR Home Centers, onde trabalha com processos de Recrutamento e Seleção, treinamento e desenvolvimento e planos de cargos e salários.

E-mail de contato:
macsantos@tendtudo.com.br

RESUMO

A velhice conforme apresentada pela literatura e entendida pela sociedade, carrega em si o significado de perdas, incapacidade, solidão e outros atributos depreciativos. O fato de o idoso residir em uma instituição colabora com uma visão mitificada sobre as condições psico-sociais relacionadas a esta população. Esta pesquisa objetivou conhecer e analisar a possível relação entre a institucionalização e a psicoafetividade do idoso, buscando identificar as vivências de lazer, a auto-percepção e os sentimentos dos idosos institucionalizados e dos não institucionalizados. Participaram deste estudo 40 idosos com idade entre 65 e 85 anos, sendo 20 institucionalizados e outros 20 idosos residentes com seus familiares. Contrariando as representações negativas sobre a velhice, os resultados indicaram que os grupos pesquisados experienciam suas condições atuais de forma positiva, revelando que, independente da condição de estarem institucionalizados ou não, a vivência de sentimentos positivos se sobrepõe aos negativos e os afetos como a alegria, a esperança e a coragem estão muito presentes em suas vidas. Este estudo revelou ainda que os idosos institucionalizados, em relação aos aspectos investigados, encontram-se em condições mais favoráveis daquelas que se referem aos idosos não institucionalizados. Conclui-se que a institucionalização não os comprometeu e que os estereótipos de incapacidade, fracasso, solidão e abandono que caracterizam a vivencia de albergamento merecem serem substituídos por uma imagem de idosos como seres ativos,

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

preocupados com uma utilização mais proveitosa de seu tempo, capazes de construírem mudanças sociais que redefinam a experiência de envelhecimento e, acima de tudo como sujeitos de coragem e de esperança.

Palavras-chave: Idoso, instituição, psicoafetividade, velhice.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o índice da população idosa no Brasil tem crescido significativamente, tornando o envelhecimento populacional uma realidade. Porém, as questões relacionadas ao envelhecimento são pouco mencionadas, merecendo mais espaço nas discussões políticas e sociais, visto que a sociedade acaba rejeitando e enxergando essa fase da vida como negativa, associando-a ao sentido de incapacidade.

Essa representação social sobre o envelhecimento mobiliza na pessoa idosa sentimentos de carência, solidão, e insegurança, que aumentam a sua dependência física e psicológica provocada pelos limites impostos da incapacidade e do isolamento social.

Apesar do fenômeno da coabitação ser uma condição que se torna comum nas famílias atuais, existem aqueles idosos que, não podendo ser cuidados por seus familiares, são encaminhados para instituições para poderem contar com a ajuda e cuidado dos profissionais da instituição.

Dessa forma, este estudo comparativo sobre a psicoafetividade de idosos institucionalizados e de não institucionalizados é de fundamental importância, visto que possibilitará conhecer e comparar os sentimentos mais experimentados pelos idosos, preocupando-se também em conhecer as condições de lazer e a percepção de si, que são próprias entre os idosos que vivem em condições diferenciadas.

A compreensão de tais condições possibilitará identificar as possíveis formas de intervenção que venham a tornar essa última etapa da vida mais prazerosa.

Assim, o presente estudo objetiva identificar e analisar a possível relação entre a institucionalização e a psicoafetividade do idoso, buscando identificar as condições de lazer e a percepção que os idosos institucionalizados e os não institucionalizados têm de si, além de conhecer os sentimentos mais experienciados por eles, durante a velhice.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

2.1 Considerações sobre o envelhecer

Buscando definir o envelhecimento, Neves (2012) afirma que envelhecer é um processo com características únicas que leva ao declínio gradual das capacidades do ser humano, provocado pelas alterações anatomo-fisiológicas normais, nesta etapa da vida. Contudo, por agravantes genéticos e/ou ambientais, alguns idosos degradam o seu estado de saúde mais rapidamente que o esperado e tornam-se mais dependentes que outros que estão também nesta mesma fase do desenvolvimento. Assim, o envelhecimento pode variar de indivíduo para individuo, podendo ser postergado, gradativo para uns e mais precoce e rápido para outros. Essas variações estão relacionadas a fatores como estilo de vida, condições socioeconômicas e doenças crônicas e/ou degenerativas.

Do ponto de vista biológico, o envelhecimento vincula-se à aspectos relacionados aos planos molecular, celular e orgânico do indivíduo, enquanto que, em sua dimensão psíquica, refere-se aos aspectos cognitivos e psicoafetivos, interferindo na personalidade e no afeto do idoso (CAETANO, 2006).

Considerando as dimensões em que ocorre o envelhecimento, Riegel (1976 *apud* Paiva, 2013) afirma que o envelhecimento humano ocorre em três níveis diferentes: biológico, psicológico e social. O nível biológico refere-se a mudanças fisiológicas, anatômicas, bioquímicas e hormonais, acompanhadas de gradual declínio das capacidades do organismo. O envelhecimento psicológico é traduzido pelos comportamentos (abertos e encobertos) das pessoas em relação a si próprias ou aos outros, ligados a mudanças de atitudes e limitações das capacidades em geral. Esses comportamentos trazem como consequência a ocorrência de inadaptações, readaptações e reajustamentos dos repertórios comportamentais, face às exigências da vida.

O envelhecimento social está relacionado às normas ou eventos sociais que controlam, por um critério de idade, o desempenho de determinadas atividades ou tarefas do grupo etário, dando sentido à vida de cada um. Paiva (2013) cita alguns exemplos: o casamento, que é um evento que ocorre geralmente nos anos da juventude ou no início da vida adulta, o nascimento de filhos, que é mais comum no período entre dezoito e trinta anos, e a aposentadoria, que ocorre compulsoriamente aos setenta anos, ou com 30 ou 35 anos de trabalho comprovado.

Considerando as premissas acima citadas, a velhice só poderá ser compreendida em sua totalidade porque é, simultaneamente, um fenômeno biológico com consequências psicológicas. Como todas as condições humanas, a velhice tem uma dimensão existencial, que modifica a

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

relação da pessoa com o tempo, gerando mudanças em suas relações com o mundo e com sua própria história (FREITAS *et al* 2010).

Neste sentido, este mesmo autor acredita que, nos dias atuais, a velhice é difícil de ser definida, principalmente quando se refere a uma velhice saudável, desejada para todos. Portanto, deve ser compreendida em sua totalidade e em suas múltiplas dimensões, visto que se constitui em um momento do processo biológico, mas não deixando de ser um fato social e cultural. Deve ainda ser entendida como uma etapa do curso de vida na qual, em decorrência da avançada idade cronológica, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam as relações do indivíduo com o seu contexto social.

2.2 As representações sociais da velhice

Em referência ao contexto social, conforme pesquisas sobre o envelhecimento humano, realizadas no Brasil por Mendes, Gusmão, Faro e Leite (2005), denominada "A situação social do idoso no Brasil: Uma breve consideração", a condição de idoso ainda é desvalorizada nesta dimensão. Se por um lado, o prolongamento da vida humana representa um ganho coletivo, por outro, as percepções das perdas, das incapacidades, das doenças e da dependência são os aspectos mais presentes nas representações sociais da velhice.

Esse prolongamento do tempo de vida das pessoas tem suscitado inúmeros questionamentos acerca de como está sendo compreendido o envelhecimento humano pelos próprios idosos e pela sociedade brasileira, que parece não estar preparando seus cidadãos para esse processo (SANTOS,1990).

Nas sociedades em geral, especialmente naquelas marcadas pelo modo de produção capitalista, cujo valor maior é a produtividade e o consumo, existe um forte preconceito com relação à velhice. Nessas sociedades, os indivíduos são valorizados segundo seu papel no processo produtivo. Consequentemente, quando os cidadãos já não podem desenvolver mais uma função produtiva, os mesmos são marginalizados e relegados à "periferia" da vida social.

Segundo Teodoro *et al* (1996), a injustificada atitude de subjugar as pessoas de (ou acima de) determinada idade, nada mais é do que uma criação social e cultural que busca usar fatores biológicos para se sustentar. Dessa forma, vê-se uma parcela cada vez maior da população, forçosamente colocada à margem dos círculos sociais, econômicos e políticos.

O importante ou mesmo imprescindível é a produção, elemento que determina papéis valorados na organização das sociedades; assim sendo, o jovem é potencialmente produtivo e o idoso, inativo. Pelo fato do idoso perder sua função produtiva, seu papel como elemento componente da estrutura social fica totalmente anulado.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

De acordo com Debert (1997) a velhice excluída é a face anônima e perversa do envelhecimento. Nesse contexto de exclusão, o idoso vive uma situação de extrema penúria, pois a perda do poder aquisitivo soma-se à perda das estruturas da sociabilidade centradas no trabalho, na família, nas relações de vizinhança e de lazer. As condições naturais da saída dos filhos do ninho familiar e a condição inevitável da perda de um dos cônjuges, bem como a dificuldade de se relacionar fora do antigo ambiente de trabalho fazem com que os idosos se tornem pessoas solitárias.

2.3 A psicoafetividade do idoso

Considerando que são inúmeras as situações de perdas vivenciadas pelos idosos, torna-se indispensável perguntar ao idoso como ele se percebe diante dessa situação e quais os fatores psicoafetivos mais experienciados neste momento de sua vida, visto que os afetos são vivências que orientam e, muitas vezes, determinam os comportamentos.

O termo afeto aqui referido, não deve ser considerado e compreendido na referencia do senso comum: amor, carinho, dedicação, cuidado, atenção, paixão, carícia, delicadeza, afeição, simpatia, amizade, amor, sentimento, respeito, tolerância, ou seja, não com essa concepção "positiva", amorosa, e edificadora.

Conforme elucidado por Rezende (2008), a afetividade, além de ser "qualidade ou caráter de afetivo", é, numa perspectiva psicológica definida como: "Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza". Portanto, o psicoafeto, tendo como elemento básico a afetividade, é tudo aquilo que nos afeta, não se restringindo apenas às emoções "positivas" ou agradáveis, mas referindo-se também às emoções "negativas" como a raiva, o medo, a tristeza, entre outros.

Os afetos são tão importantes que se expandem de modo a definir a identidade e a qualidade de vida, ao fato de sentir-se mais ou menos engajado e motivado, ou não, aberto ou fechado ao aprendizado de novas coisas, alegre ou abafado, integrado ou excluído e participante ou inibido na relação com o mundo, podendo, desta forma, esclarecer como as pessoas experienciam os acontecimentos de suas vidas.

Segundo Neves (2012), o ser humano, do nascer até o morrer (em idade avançada), segue um ciclo vital padrão, caracterizado por um processo que leva ao declínio gradual de suas capacidades. A vivência deste declínio desencadeia, usualmente, situações de crise e/ou processos emocionais de transição. A família tem o papel de desenvolver 'tarefas' ou mudanças de segunda ordem que minimizem as crises e facilitem o processo emocional de transição.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Porém, assim que as incapacidades físicas, cognitivas e psicológicas da pessoa idosa aumentam, as capacidades da família diminuem, visto que nem sempre a família consegue exercer a função de cuidar dos mais idosos ou cumprir com essa responsabilidade, tornando-se necessário encarar o processo de institucionalização. Um dos aspectos fundamentais a ser considerado neste estudo refere-se à moradia dos idosos e o convívio intergeracional.

2.4 A moradia do idoso: coabitação intergeracional e a institucionalização

Em decorrência do processo de envelhecimento, a situação de moradia das pessoas idosas está intimamente relacionada à sua situação de autonomia ou de dependência, bem como das necessidades decorrentes das perdas de suas capacidades funcionais e financeiras. Contribuem também com estes fatores, a ampla retratação do Estado dito neoliberal, no quadro de expansão do capitalismo globalizado e os avanços e recuos das políticas públicas, por exemplo, de saúde, de previdência e de seguridade social (CECHIN, 2009; CAMARGO, 2011; BARROS, 2012).

No Brasil, existem dois tipos de subsistemas de apoio aos idosos: as redes de apoio formal e informal. As redes de apoio formal atuam com base em relações profissionais, sendo representadas por hospitais, asilos, unidades de apoio domiciliar, dentre outras. Enquanto que as de apoio informal funcionam com base nos princípios de solidariedade e de reciprocidade entre as gerações. Essa segunda rede de apoio é voluntária e não é remunerada. Geralmente, são constituídos por pessoas com algum grau de parentesco, amigos próximos e vizinhos.

As condições atuais da organização social brasileira e do processo de envelhecimento propiciam a situação de coabitação intergeracional. Esta se refere à situação na qual o idoso vive com seus familiares. De acordo com Camarano (2004), existem dois tipos de famílias dentro desta categoria: 1) família de idosos: onde o idoso é chefe ou cônjuge e 2) famílias com idosos: onde os idosos moram na condição de parentes do chefe ou do cônjuge. Considera-se que, na primeira, residam idosos com autonomia e na segunda, idosos vulneráveis que necessitam da ajuda dos familiares. Esse recorte é fundamental para analisar a situação de moradia dos idosos, pois, conforme já destacado, autonomia ou dependência fazem toda a diferença.

Para Camarano (2004), no primeiro caso, encontram-se idosos (casais de idosos, pessoas viúvas, solteiras) morando em casa própria ou alugada, na condição de chefes de família ou de principais responsáveis pela manutenção do domicílio. Aqui, as demais gerações é que se agregam, trocando apoio econômico e suporte existencial por serviços prestados voluntariamente ou contra remuneração disfarçada de “mesada” ou “feira” ou pagamento de faculdades e etc. Nesta condição entram também os idosos que moram só. No segundo caso, encontram-se os idosos que “escolheram” (às vezes foram até coagidos) morar com parentes. Nessa segunda situação, o idoso é o agregado à família.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Apesar do fenômeno da coabitação ser uma condição que se torna comum nas famílias atuais, existem aqueles idosos que, não podendo ser cuidados por seus familiares, são encaminhados para instituições para poderem contar com a ajuda e cuidado dos profissionais do local.

Muitas vezes o internamento em lares/instituições é o reflexo da perda do companheiro, filhos, familiares e/ ou amigos, bem como de situações de fragilidade em que o idoso, com incapacidade funcional, é gradativamente isolado do circuito familiar e da sua própria rede social, aumentando a sua dependência provocada pelos limites impostos da incapacidade. (BARROS, 2011; MEDEIROS, 2012).

Nesse contexto, Neves (2012) elucida que o individuo idoso tem que modificar o seu estilo de vida para residir num lar de idosos, onde sem dúvida irá enfrentar inúmeras alterações a nível psicossocial, ainda que o ambiente institucional tente oferecer uma base segura e adaptar-se às necessidades físicas e emocionais da pessoa idosa.

Quando a escolha é o internamento do idoso num lar pergunta-se: o idoso terá consciência dessa ação? Terá participado na decisão? Que visão terá do lar? Carvalho e Dias (2011) referem-se à importância do idoso participar e colaborar na decisão e planejamento da institucionalização, pois o pleno conhecimento das medidas tomadas, bem como a relação do idoso com o espaço contribui para uma melhor aceitação e adaptação.

Contudo, a qualidade de vida dos idosos institucionalizados dependerá primeiro do acolhimento na instituição e, em seguida, do convívio, por meio de visitas das pessoas próximas (familiares ou amigos), isto de forma a evitar o estado de solidão ou isolamento que muitos vivenciam.

Buscando pesquisar a respeito dos sentimentos que são experienciados pelos idosos, pôde-se constatar que a literatura é escassa. Pesquisas realizadas por Espitia e Martins (2006), com o objetivo de analisar as relações afetivas da família com o idoso institucionalizado destacam que a maioria dos idosos que convivem em instituição sente-se sozinha devido a ausência familiar.

A literatura que se refere ao fluxo das emoções e à qualidade de vida dos idosos revela que os afetos mais experienciados durante a velhice estão diretamente ligados às condições de bem estar. Independente de estar institucionalizados ou não, os idosos evidenciam que suas emoções representam um movimento contínuo que repercute diretamente na sensação de estar ou não com saúde e de ter o apoio da família. Nesse sentido, apesar das perdas e limitações que são próprias da velhice, nem sempre os idosos apresentam afetos negativos, como tristeza, raiva e solidão. Quando se encontram num estado de bem estar e, consequentemente, são capazes de participar de atividades em grupo, os sentimentos de alegria, esperança e amor se tornam frequentes.

Levando-se em consideração todos os conteúdos que foram desenvolvidos neste texto, torna-se possível refletir acerca do significado do envelhecimento e dos sentimentos

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

experenciados por esta população, por meio dos relatos dos próprios idosos. Talvez este seja, provavelmente, um caminho para se entender o significado real da velhice, permitindo aos profissionais de psicologia planejarem estratégias fundamentadas na realidade, que permitam resgatar a autonomia, a independência e, principalmente, a dignidade da pessoa do idoso. Tendo como parâmetro a compreensão das alterações decorrentes do envelhecimento e o impacto psicoafetivo causado pelas alterações biológicas, psicológicas e sociais, viabiliza-se esta árdua tarefa.

Tais ações só serão possíveis pela compreensão de que a velhice não é uma concepção absoluta, na medida em que o significado real das mudanças decorrentes do processo de envelhecimento é singular, determinado pelo modo de pensar, de agir, de questionar e pela interpretação de cada pessoa de como tais circunstâncias afetam sua vida.

3 MATERIAIS E MÉTODO

O presente trabalho foi submetido ao comitê de ética e aprovado conforme protocolo n° 037/2014.

3.1 SUJEITO DA PESQUISA

Participaram deste estudo 40 idosos com idade entre 65 e 85 anos, sendo 20 destes entrevistados, moradores do abrigo São Lázaro e os outros 20 idosos, residentes com suas famílias e/ou cônjuge no bairro Paralela, onde habita essa pesquisadora.

O abrigo São Lázaro surgiu há 18 anos, sendo, inicialmente, uma instituição privada. No entanto, apesar desta condição, não se recusava a abrigar idosos de rua e/ou aqueles que não tinham condições de pagar. Com o decorrer do tempo, tornou-se público, mantendo-se até os dias atuais com doações, trabalhos voluntários e verba municipal. Tem uma estrutura física adequada, bem equipada e asseada, que contribui para um ambiente acolhedor. Abriga, atualmente, o total de 81 idosos, com idades que variam de sessenta até noventa e oito anos.

Para melhor visualização nas tabelas e gráficos descritivos dos dados, o grupo de idosos institucionalizados foi denominado de G1 e o grupo de idosos não institucionalizados foi denominado de G2.

Os participantes foram selecionados de acordo com a faixa etária e a condição de ser institucionalizado ou não. Os mesmos foram convidados a participar deste estudo e esclarecidos a respeito de sua liberdade de participação, assinando o termo de consentimento. (Anexo I)

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Como critério de elegibilidade dos participantes, além de considerar as condições acima descritas, foi considerado também a condição destes estarem lúcidos, com plena consciência da realidade e em condições de se expressarem oralmente. As variáveis: escolaridade, gênero e grau de escolaridade não foram considerados como critério de seleção.

3.2 LOCAL

As entrevistas para a coleta de dados com os idosos Institucionalizados foram realizadas nas dependências do Abrigo São Lázaro, no pátio da instituição (área interna do abrigo) de forma individual, sendo garantidas todas as condições de privacidade necessárias. Com os idosos não institucionalizados as entrevistas foram realizadas na residência dos mesmos.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista individual, aplicada pela própria pesquisadora, que utilizou como instrumento um questionário elaborado pela mesma. Este instrumento foi estruturado em duas partes: a primeira parte com dados que se referem à identificação do participante (gênero, idade e escolaridade). A segunda parte do questionário foi composta por três questões que buscaram identificar: 1) as condições de lazer vividas pelos entrevistados; 2) a percepção que os mesmos têm de si, 3) os sentimentos mais experienciados pelos mesmos. (Ver anexo I).

3.4 ANÁLISE DE DADOS

Os sentimentos oferecidos para escolha foram classificados individualmente na comparação entre os grupos e em duas categorias: sentimentos positivos e sentimentos negativos. Consideraram-se como sentimentos positivos e/ou negativos aqueles que usualmente e de acordo com o senso comum, assim são determinados como tais. Esses sentimentos oferecidos para opção pessoal enquadraram-se, depois de totalizados, dentro das seguintes categorias: positivos e negativos. Dessa forma, foi considerado como positivo o sujeito que se auto-atribuiu sentimentos positivos em número superior aos sentimentos negativos e vice-versa. Para a classificação dos sentimentos como positivo e/ou negativo, observou-se a concordância com o senso comum. Dentro de uma cultura de valores humanistas como a existente, são considerados sentimentos positivos aqueles que beneficiam o convívio afetivo-social e classificados como

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

negativos os que de alguma maneira podem prejudicar as relações interpessoais. Segundo Romero (1998), os sentimentos positivos estão vinculados ao ego-sintônico e orientados pela simpatia e pela valorização, enquanto os sentimentos negativos originam-se do ego-distônico e orientam-se pela antipatia e pelo desvalor. Para este autor, o sujeito experimenta uma série variada de sentimentos referidos a sua própria pessoa, a seu mundo pessoal, intimo. Em cada um de nós existe uma espécie de tribunal supremo que se encarrega de avaliar, examinar e julgar nossos atos e condutas. A esta instância denominamos de ego-ideal, ela pertence à esfera dos valores e se constitui pela internalização progressiva das normas sociais e da representação de si. Podemos relacionar-nos com nós mesmos de um modo aprobatório e sintônico, sugerindo assim os sentimentos ego-sintônicos, que implicam em certa exaltação do eu e se orientam à satisfação do eu. Podemos relacionar-nos com nos mesmos de um modo desaprobatório e desvalorizante, originando-se desta maneira os sentimento ego-distônico que supõe uma orientação auto depreciativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das tabulações obtidas nas 40 entrevistas realizadas, pode se apresentar os resultados, analisando-se os aspectos referentes à identificação dos participantes, suas vivencias de lazer, sua percepção de si e os sentimentos que experienciam.

4.1 Identificação geral dos idosos entrevistados

Para a identificação dos participantes, consideraram-se os dados referentes ao gênero, faixa etária e escolaridade, que podem ser visualizados nas tabelas abaixo apresentadas.

Na tabela 1 observa-se que dos 40 idosos estudados, 47,5% são do sexo masculino e 52,5% do sexo feminino.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Tabela 1 - Distribuição percentual dos participantes, segundo sexo e grupos estudados.

GRUPO		SEXO (%)	
	Nº/ SUJEITOS	MASCULINO	FEMININO
G1	20	55,7	45,0
G2	20	40,0	60,0
TOTAL	40	47,5	52,5

G: Grupo Nº: Número

Considerando-se a faixa etária dos participantes, a Tabela 2 demonstra que a maior porcentagem dos idosos entrevistados (42,5%), tem idade acima de 75 anos. Observa-se também nesta tabela que esta porcentagem é maior no grupo de idosos não institucionalizados.

Tabela 2 - Distribuição percentual dos participantes, segundo faixa etária e grupos estudados.

GRUPO		FAIXA ETÁRIA (%)		
	Nº/ SUJEITOS	‹65/70 anos	71/75 anos	›75 anos
G1	20	25,0	40,0	35,0
G2	20	30,0	20,0	50,0
TOTAL	40	27,5	30,0	42,5

N: Grupo ‹:Menor ›: Maior Nº: Número

No que se refere à escolaridade, dos 40 sujeitos entrevistados, ressalta-se que somente 7,5% são sem instrução, sendo que a porcentagem mais alta (32,5%) refere-se aos que concluíram o segundo grau.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Tabela 3 - Distribuição percentual dos participantes, segundo escolaridade e grupos estudados.

GRUPO	Nº/ SUJEITOS	ESCOLARIDADE (%) 1	2	3	4	5	6
G1	20	0,0	20,0	10,0	35,0	25,0	10
G2	20	15,0	5,0	15,0	25,0	40,0	0,0
TOTAL	40	7,5	12,5	12,5	30,0	32,5	5,0

G: Grupo Nº: Número 1- sem instrução 2- 1° grau incompleto 3- 1° grau completo 4- 2° grau incompleto 5- 2° grau completo 6- Não souberam informar

Na sequência, são apresentados os dados dispostos em figuras, que permitem visualizar as condições de lazer vividas pelos entrevistados, à percepção que os mesmos têm de si e os sentimentos mais experienciados pelos mesmos.

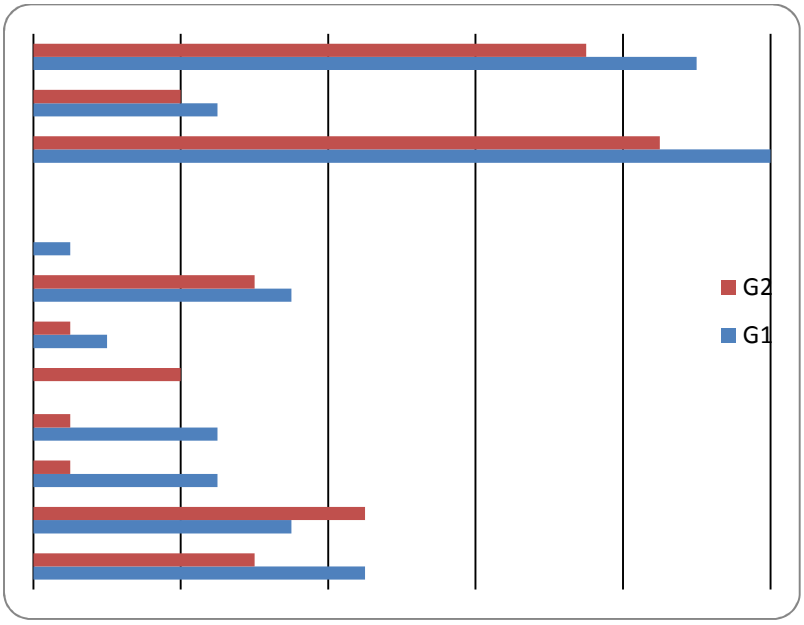


Figura 1- Distribuição percentual dos participantes, segundo as vivencias de lazer por eles praticado (dados em percentual).

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Considerando as opções de lazer vividas pelos participantes deste estudo, observou-se que os idosos institucionalizados (G1) praticam mais atividades de lazer que os não institucionalizados (G2).

Como afirma Brandão (2004), à importância do lazer para o idoso está relacionada à utilização do tempo livre, minimizando com isso sentimentos de solidão, medo e incapacidade. Estes dados nos sugerem que os idosos institucionalizados, na oportunidade de conviverem com seus pares, tem mais oportunidade de relacionarem e desenvolverem atividades em comum, enquanto que aqueles que moram com suas famílias (G2), tem menos oportunidades de lazer.

Na sequência dos dados coletados, a Figura 2 demonstra a percepção que os sujeitos deste estudo tem seu próprio respeito.

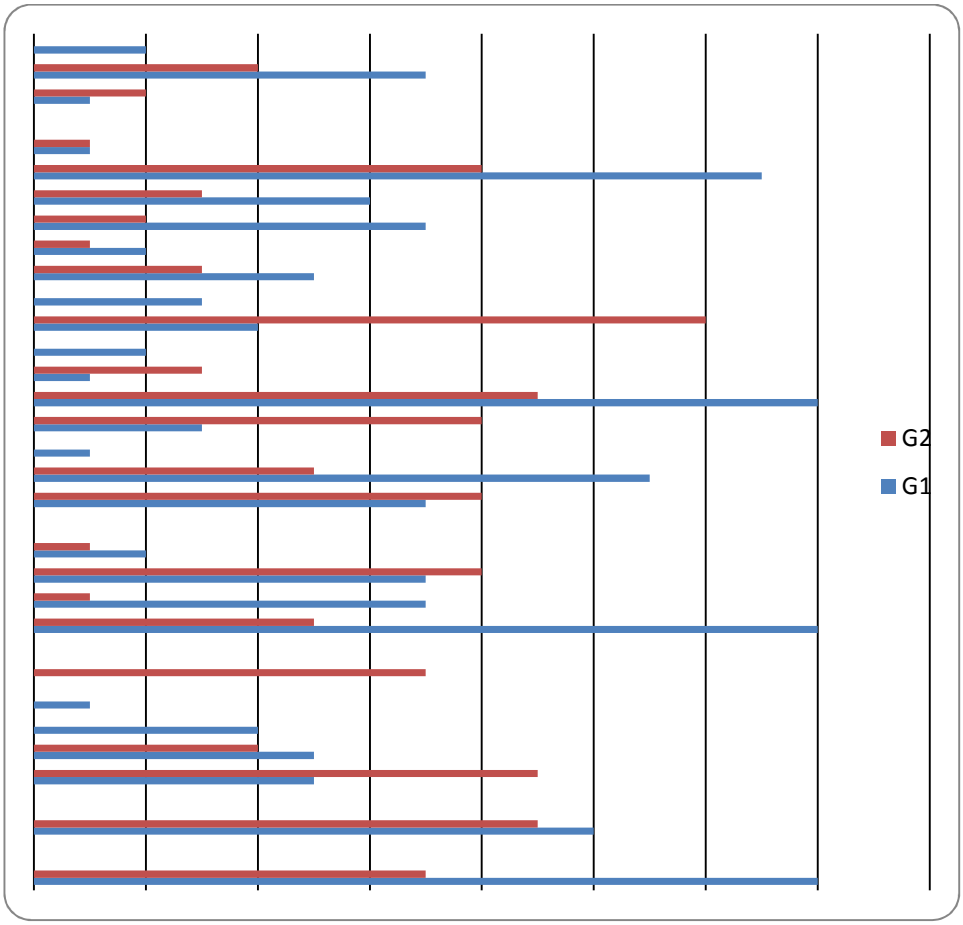


Figura 2 – Distribuição percentual dos participantes, segundo a percepção que os idosos tem a seu próprio respeito (dados em percentual).

Conforme foi citado anteriormente, quando são feitas referências à terceira idade, apresenta-se uma visão de homogeneidade dos idosos, na qual se exclui todas as diferenças individuais. No entanto, cada indivíduo vive a condição de velhice de forma diferenciada. Minayo e Coimbra

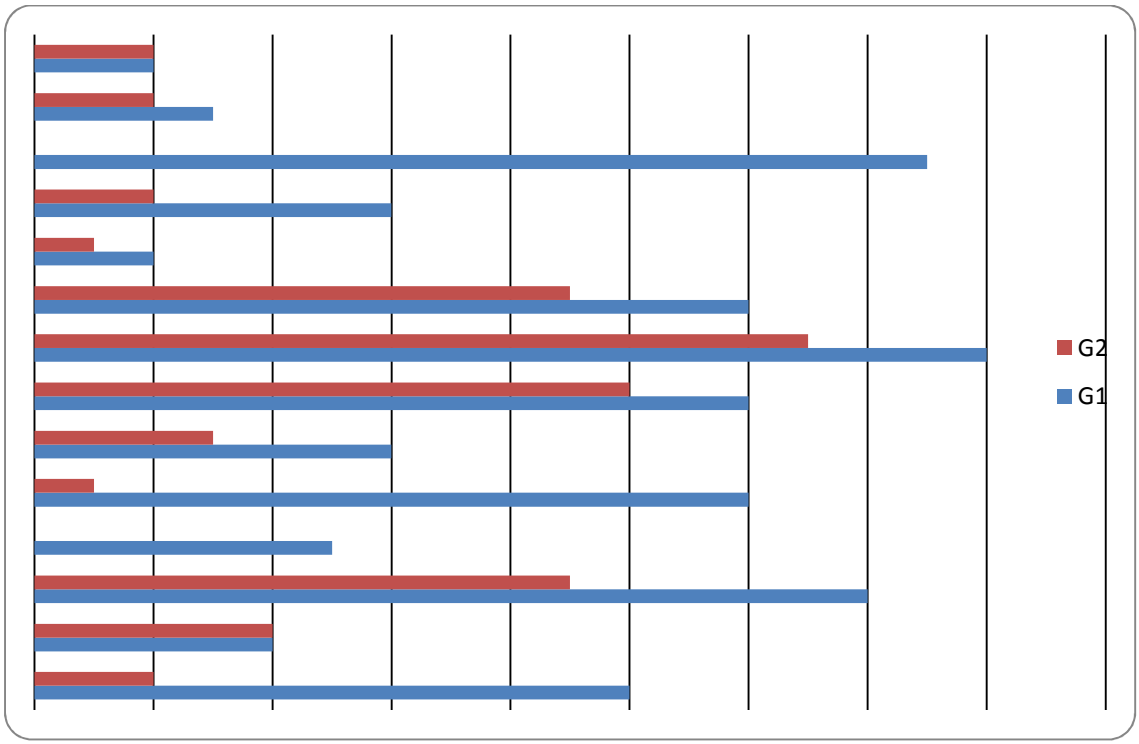
Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

(2002) afirmam ser a velhice um termo impreciso quando se refere à complexidade e percepção fisiológica, psicológica e social. Nesse sentido, a percepção a respeito de si próprio varia de individuo para individuo, mesmo quando compartilham a mesma condição de "ser velho".

Pela visualização da Figura 2, observa-se que se perceber como alguém sofrido foi escolha para 70% dos idosos institucionalizados (G1) e apenas 25% do que não o são (G2). Esta escolha pode estar relacionada com o fato dos sujeitos deste grupo terem sido afastados de suas famílias ou mesmo ficados sozinhos. Porém, apesar de se reconhecerem como vitimas do sofrimento, pode-se inferir que esta vivência de dor pode ter proporcionado-lhes, como consequência, atributos de coragem e segurança. Identificarem-se como alegres também foi uma percepção mais própria para o G1 do que para o G2.

Ressalta-se que os idosos não institucionalizados (G2) se identificaram com a percepção de sentirem carentes, numa porcentagem muito mais elevada do que os idosos Institucionalizados. Pode-se inferir que a companhia e a convivência com outros idosos, comum nas instituições, possam amenizar tal condição.

As Figuras 3 e 4 demonstram os sentimentos que são mais comumentes experenciados pelos idosos entrevistados. Para uma maior facilidade de visualização, os sentimentos considerados como positivos são apresentados na figura 3 e aqueles considerados como negativos, podem ser visualizados na Figura 4.



Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

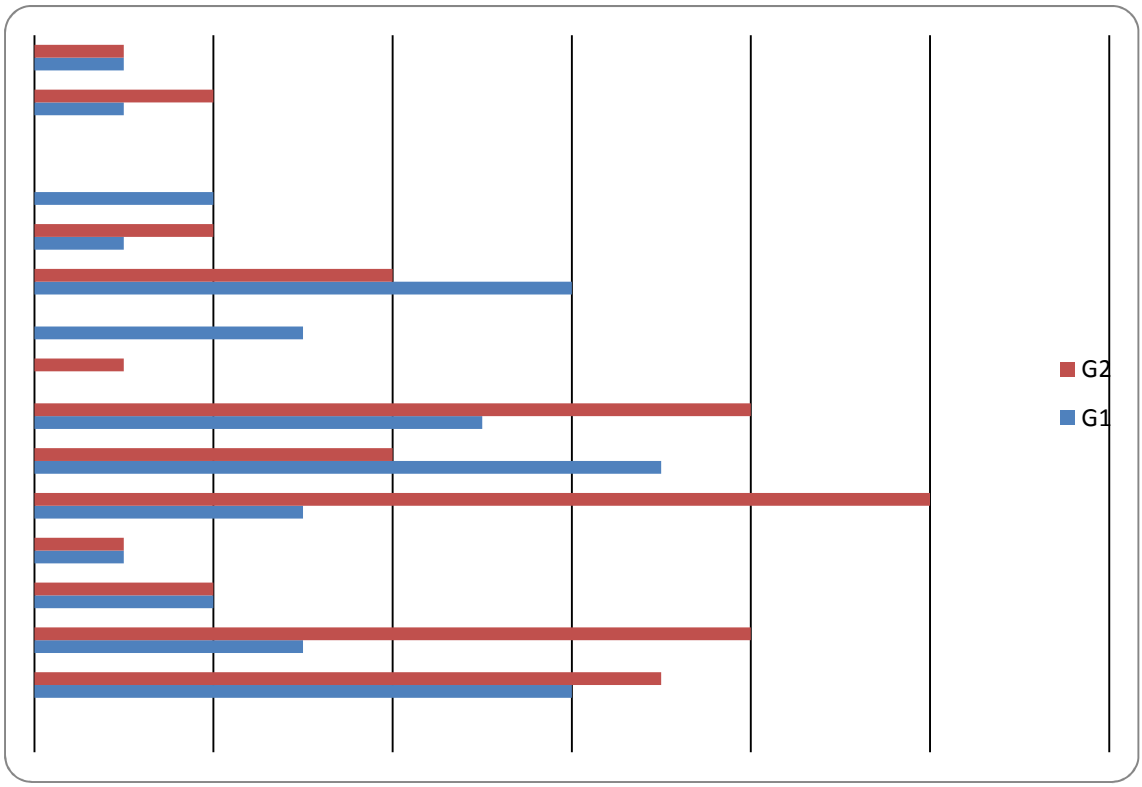


Figura 4 – Distribuição percentual dos participantes, segundo os sentimentos negativos experenciados (dados em percentual).

A literatura que se refere ao fluxo das emoções e à qualidade de vida dos idosos revela que os afetos mais experenciados durante a velhice estão diretamente ligados às condições de lazer e bem estar. Dessa forma, podemos inferir que o fato dos idosos institucionalizados (G1) praticarem mais atividades de lazer pode ter sido o motivo dos mesmos terem uma percepção de si mais positiva, e de experenciarem afetos mais positivos que o grupo de idosos não institucionalizados (G2).

Nesse sentido, apesar das perdas e limitações que são próprias da velhice, quando os idosos são capazes de participar de atividades em grupo e, consequentemente, encontram-se num estado de bem estar, os sentimentos de alegria, esperança e apoio se tornam frequentes.

Neves (2012), conforme citação anterior, afirma que o ser humano, do nascer até o morrer (em idade avançada), segue um ciclo vital padrão, caracterizado por um processo que leva ao declínio gradual de suas capacidades. A vivência deste declínio desencadeia, usualmente, situações de crise e/ou processos emocionais de transição. Para este autor, a família tem o papel de desenvolver 'tarefas' ou 'mudanças de segunda ordem, que minimizem as crises e facilitem o

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

processo emocional de transição. Contrariamente à afirmação deste autor, os sujeitos desta pesquisa, que moram com suas famílias, conforme demonstrado na Figura 4, experienciam, em maior porcentagem, sentimentos de insegurança, solidão, medo e tristeza do que aqueles que estão institucionalizados, o que permite a inferência da importância do convívio com os pares.

Analisando o contexto social e econômico das famílias atuais, observa-se que os componentes das mesmas, vivem uma sobrecarga de trabalho que tem comprometido as relações interpessoais. Tal condição pode justificar os sentimentos negativos que são experienciados por seus idosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu conhecer, a partir do significado da velhice, a percepção que os idosos têm de si e os sentimentos mais mobilizados quanto a esta condição de estar idoso.

A velhice, conforme apresentada pela literatura e entendida pela sociedade, carrega em si o sentido de perdas, incapacidade, solidão e inúmeros outros atributos depreciativos. O fato de o idoso residir em uma instituição colabora ainda mais com uma visão de sua incapacidade, abandono e ausência da família.

Todos estes paradigmas influenciaram esta pesquisadora a acreditar, a priori, que os idosos institucionalizados pudessem apresentar percepções e afetos mais negativos que os idosos não institucionalizados.

Contrariando essas representações sobre a velhice, este estudo mostrou que, apesar de todas as alterações pertinentes ao processo de envelhecimento, os grupos pesquisados experienciam suas condições atuais de forma positiva.

Os resultados encontrados são condizentes com as afirmações de Debert (1988), para quem o abrigo não é a concentração dramática da solidão e do desprezo a que os velhos são relegados na nossa sociedade. O cotidiano com o qual nos deparamos está longe de ser a manifestação da suposta experiência de solidão de quem está idoso.

Os idosos, sujeitos deste estudo, revelam que, independentemente da condição de estarem institucionalizados ou não, vivem afetos negativos como tristeza, medo e solidão, porém, afetos como a alegria, a esperança e a coragem estão muito mais presentes em suas vidas.Dessa forma, conclui-se que os sentimentos positivos se sobrepõem aos negativos e os estereótipos de incapacidade, fracasso, solidão e abandono que caracterizam a experiência do envelhecimento merecem serem substituídos pela imagem dos idosos como seres ativos, preocupados com uma ocupação mais proveitosa de seu tempo, capazes de construírem mudanças sociais que redefinam a experiência de envelhecimento e, acima de tudo, como sujeitos de coragem e de esperança.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Deseja-se que este estudo possa ser um provável caminho para se entender o significado real da velhice, permitindo aos profissionais de psicologia planejarem estratégias fundamentadas na realidade, que permitam resgatar a autonomia, a independência e, principalmente, a dignidade da pessoa do idoso.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, C. da S. O modelo de proteção social brasileiro. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 17, n. 3642. 21 maio 2012. Disponível em: http://jus.com.br/artigos/21775/o-modelo-de-protecao-social-brasileiro.

BRANDÃO, E. R. de Paula. **o lazer na terceira idade**. Disponível em: http://www.fch.fumec.br/revista1/artigoelizabeth.htm. Acesso no dia 10 de junho de 2012 às 11:00.

CAETANO, L. M. O Idoso e a Atividade Física. **Horizonte: Revista de Educação Física e desporto,** V.11, n.124, p.20-28, 2006.

CAMARGO Jr., K.R. A solidariedade social como utopia necessária. **Ciências & Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1114-1115, 2008.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, S; LEITÃO E MELLO, J. "Como Vive o Idoso brasileiro?" In: Camarano, Ana Amélia. **Os Novos Idosos Brasileiros** Muito Além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CECHIN, José; BADIA, Bruno D; MARTINS, Carina, B. Pacto intergeracional . **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 82, p. 214-221, maio/ago. 2009.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e representação da velhice. **Ciência Hoje**. p 60-68.

FREITAS, M. C; QUEIROZ, T. A; SOUSA, J. A. V. (2010) - O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista de enfermagem da USP**. Vol. 44. No.2 São Paulo June. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S008062342010000200024&script=sci_arttext. Acesso no dia 02/04/2014 às 10:00 hs

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

GAMBURGO, L. J. L.; MONTEIRO, M. I. B. (2009) – Singularidades do envelhecimento: reflexões com base em conversas com um idoso institucionalizado. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação.** Vol. 13. Nº 28. Disponível emhttp://www.scielo.br/pdf/icse/v13n28/v13n28a04.pdf. Acesso no dia 08/06/2014 às 16:00.

MEDEIROS, P. Como estaremos na velhice? Reflexões sobre envelhecimento e dependência, abandono e institucionalização. **Polêmica.** Vol.11:3 (2012), p.439-453.

NEVES, H. M. F. **Causas e consequências da institucionalização de idosos.** Disponível em: http://www.fcsaude.ubi.pt/thesis/upload/0/1532/causas_consequencias.pdf. Acesso no dia 03/04/2014 às 19:00.

PAIVA, V. M. B. **A velhice como face do desenvolvimento humano**. Disponível em: http://www.nehscfortaleza.com/artigos_arquivos/artigo_039.htm. Acesso no dia 23/052014 às 15:00

REZENDE, R. Afeto, velhice e lazer. Departamento de Educação Física. **EEEFFTO** – UFMG. 2008.

Disponível em: http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV11N03_a7.pdf. Acesso no dia 21/04/2014 às 18:00.

SANTOS, M. F. S. **Identidade e aposetadoria.** São Paulo: Pedagógica e Universitária. (1990).

SPITIA, A. Z, MARTINS, J. J. **Relações afetivas entre idosos institucionalizados e família: encontros e desencontros.** ACM Arq Catarin Med. 35(1): 52-59. jan-mar; 2006.

TEODORO, K. C. G *et al*. **Terceira idade, problemas sociais e familiares.** 1996. Disponível em: http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0603.htm. Acesso no dia 01/06 às 14:00 hs

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt